



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de encerramento da 1ª Conferência Nacional de Educação**

**Centro de Convenções Ulysses Guimarães - Brasília-DF, 1º de abril de
2010**

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Paulo Vannuchi, ministro-chefe da Secretaria
dos Direitos Humanos,

Meu querido companheiro Eloi Araújo, ministro-chefe da Secretaria de
Políticas de Promoção da Igualdade Racial. É importante vocês saberem que
ontem eu transformei todas as Secretarias em Ministérios: o da Mulher, o dos
Direitos Humanos, o da Igualdade Racial.

Querida companheira Fátima Cleide, presidente da Comissão de
Educação, Cultura e Esporte do Senado,

Meu querido companheiro Francisco Chagas, coordenador-geral da
comissão organizadora da Conferência Nacional,

Meu caro companheiro Augusto Chagas, presidente da União Nacional
dos Estudantes,

Meu caro Yann Evanovick, presidente da Ubes – parece mais um
jogador da Tchecoslováquia do que presidente da Ubes,

Meus queridos companheiros,

Companheiro Carlos Abicalil, nosso deputado federal, membro da
Comissão de Educação e Cultura da Câmara,

Meu querido Valverde, que está aqui do lado, pressionado, aí,

Meu querido Zezéu Ribeiro,

Meus companheiros do Pará,

Companheiros professores,

Professores, alunos, funcionários,



Companheiros e companheiras,

Eu tenho... Hoje eu vou ler o meu discurso. Hoje eu vou ler porque eu estou sendo multado todo dia e daqui a pouco eu vou ter que trabalhar o resto da vida para pagar multa. Então, eu vou me conter aqui. Depois eu vou dar um improvizozinho rápido, para falar umas coisas para vocês.

O nosso querido companheiro educador Paulo Freire, afirmou... O que é que ele afirmou? “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e que “o ato de ler o mundo implica na relação que nós temos com esse mundo”. Relembro aqui as palavras do grande mestre, ditas há quase 30 anos em um congresso nacional em São Paulo, porque, em primeiro lugar, precisamos ler e entender as transformações ocorridas no Brasil nos últimos anos. Todos vocês têm desempenhado papel fundamental na construção de um país que precisa cada vez mais da Educação para consolidar o extraordinário processo de desenvolvimento por que passa o nosso país.

E a partir desse entendimento, e também da compreensão de que todos os brasileiros devem ter acesso à Educação de qualidade, é que realizamos esta Conferência Nacional de Educação. Pais, estudantes, gestores e profissionais da educação e representantes da sociedade civil que atuam no setor estão reunidos aqui desde domingo para discutir os rumos da Educação nacional em um espaço democrático da maior importância.

O debate que começou nesta semana tem uma história. Como vocês sabem, mas sempre é preciso destacar, ao longo do ano passado foram realizadas 1.421 conferências municipais, 470 intermunicipais e 27 estaduais. Portanto, participaram dessas conferências o equivalente a 401 mil pessoas, para chegar onde nós estamos agora.

É com imensa alegria que vejo todos os segmentos de todos os níveis comprometidos com o debate sobre a Educação, sobre a criação de um sistema nacional articulado de Educação e com o novo Plano Nacional de



Educação.

Desde o início do primeiro mandato, temos ampliado e aprofundado as formas de interlocução com a sociedade civil organizada. E temos feito isso por meio de conferências como esta e pelo fortalecimento de conselhos nacionais, de mesas de negociação e diálogo, de ouvidorias e de consultas e audiências públicas, entre outras formas.

Tanto é assim, que já realizamos 65 conferências nacionais sobre diversos temas. Esta Conferência é a 66ª, e temos pelo menos outras cinco previstas para este primeiro semestre, ainda.

E aqui, um dado importante. Não fomos nós que começamos as conferências. É importante observar que, desde 1941, o Brasil já realizou 106 conferências. O fato importante é que, em oito anos, nós fizemos sessenta... nós fizemos, em oito anos, mais conferências que todos os governos desses últimos 60 anos juntos, ou seja, em oito anos, nós fizemos 65. Criamos 18 conselhos, entre eles o da Transparência Pública e Combate à Corrupção e o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial. E reformulamos outros sete. Temos hoje em funcionamento, no Brasil, 61 conselhos Nacionais, com participação social.

Isso tudo porque, para nós, a democracia deve sempre ser ampliada e aprofundada, tornando-se cada vez mais participativa.

E aqui é importante lembrar que alguns dos nossos opositores acham que democracia é um pacto de silêncio. E para nós, a democracia é um ato de múltiplas manifestações da sociedade brasileira. Democracia inclui, necessariamente, a participação efetiva dos cidadãos e cidadãs nas decisões que transformam o cotidiano das sociedades.

Além da efetiva participação democrática, temos muito o que comemorar, em termos de realizações na área da Educação. Ouso dizer que pusemos em marcha uma verdadeira revolução na Educação brasileira. Vários são os números que comprovam o salto que demos na direção da



universalização, da equidade e da garantia da qualidade da educação. Quero chamar a atenção para dois pontos. Na verdade, para a aprovação de duas emendas constitucionais da maior relevância para a Educação brasileira. Uma delas é a Emenda nº 53 de 2006, que criou o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, o Fundeb. O Fundeb financia todas as etapas da educação básica e, ao mesmo tempo, impõe à União a responsabilidade da complementação naquelas regiões em que o financiamento por aluno é menor que a média nacional. Os recursos da contribuição social e do salário educação, antes destinados apenas ao ensino fundamental, passaram a financiar da creche ao ensino médio do nosso país.

O Fundeb recompôs o conceito de educação básica, superando a fragmentação anterior que limitava ações estruturais articuladas. No ano passado, o Fundeb beneficiou 45 milhões e 300 mil alunos em todo o país, e a complementação por parte do governo federal ultrapassou os R\$ 5 bilhões.

Outra grande conquista constitucional foi a aprovação, no ano passado, da Emenda nº 59. Ela pôs fim à Desvinculação de Receitas da União, a DRU, sobre os recursos federais destinados à Educação. Com o fim da DRU, o Ministério da Educação passará a contar com cerca de R\$ 9 bilhões a mais por ano para investir, principalmente no ensino obrigatório.

Mas é bom lembrar que todas essas ações para a qualificação da educação só crescem e frutificam se houver à frente delas aquele profissional bem preparado, que costuma ser lembrado apenas no dia 15 de outubro. O casamento entre educação de qualidade e valorização do professor tem que ser indissolúvel. O divórcio entre eles resulta no sucateamento das nossas escolas e universidades como, lamentavelmente, cansamos de ver no passado muito recente do nosso país.

Por esta razão, ampliamos os cursos de licenciatura na rede pública federal com o Reuni e os institutos federais. Criamos a Universidade Aberta do



Brasil, o Programa de Consolidação das Licenciaturas, a Bolsa de Iniciação à Docência. E instituímos um piso profissional para todos que, lamentavelmente, ainda alguns estados não concordam, e por isso é importante ter a mesa de negociação para a gente convencer. E eu me disponho, Fernando Haddad, a conversar com os governadores, se Vossa Excelência assim o desejar.

Sem dúvida, já avançamos muito na educação infantil, no ensino fundamental e médio, na educação profissional e tecnológica, na educação de jovens e adultos, no ensino superior e na pós-graduação, mas sabemos que ainda há muito a ser feito. Daí a enorme responsabilidade de cada um de vocês nesta Conferência, meus companheiros e companheiras.

Eu vou só introduzir uma coisa aqui, curta, para dizer para vocês o seguinte: primeiro, esta será a minha última conferência com os educadores e as educadoras deste país no meu mandato. Esta é a última. Portanto, eu queria aproveitar para agradecer e dizer para vocês que o nosso Ministro da Educação é uma dádiva de Deus na Educação, porque... Talvez tenhamos educadores muito mais preparados que o Fernando Haddad, para serem ministros. Mas uma coisa importante é que não basta o conhecimento acadêmico para ser um bom ministro da Educação. É preciso que, além do conhecimento acadêmico, essa pessoa tenha sensibilidade para conhecer a realidade deste país e para, sobretudo, ter sensibilidade para ouvir, porque Deus nos fez com duas orelhas e uma boca só. Portanto, a gente tem que ouvir mais do que falar, o que não é o meu caso, que falo demais.

Mas... Então, agradecer ao Fernando Haddad, porque eu acho que combinaram duas coisas importantes na gestão do Fernando Haddad. Um homem que não era um educador daqueles tradicionais, a cabeça muito aberta e muito arejada; um homem que não tinha a mania de saber tudo, porque não tem desgracia pior que você conversar com uma pessoa que pensa que já sabe tudo, não tem uma coisa pior. Ele, humildemente, humildemente ouve e, por ouvir, é que nós criamos o ProUni; por ouvir, é que nós criamos o Reuni ; por



ouvir, é que nós criamos o Fundeb; por ouvir é que nós fizemos essa pequena revolução que se iniciou na Educação brasileira. E isso se deve ao mérito e à compreensão deste companheiro, da equipe dele – porque um técnico não ganha jogo, é preciso que tenha bons jogadores do seu lado – e da torcida organizada, que são os educadores deste país que vão à luta, que brigam, que exigem, que fazem greve, que negociam, mas que, muitas vezes, não são valorizados. Porque, eu não me conformo é alguém achar que um piso de R\$ 1.020,00 é alto para uma professora que toma conta dos nossos filhos dentro da sala de aula.

Eu acho que nós estamos em um processo de construção de cidadania, porque não é possível a gente depositar a confiança da gente em um professor ou em uma professora para tomar conta dos nossos filhos, sabendo que essa professora, no final do mês, não vai levar para casa sequer o suficiente para cuidar da sua própria família.

Acabou o tempo em que as professoras poderiam ser apreciadas pelos nossos compositores que falavam “a linda normalista”, ou que falavam “a professorinha”. Hoje esse sonho acabou, porque as professoras e os professores, ao longo desses últimos 30 anos, tiveram a profissão judiada, sucateada e, muitas vezes, muitas vezes maltratada. Eu sei disso porque sou Presidente agora, mas participei de muita atividade com os professores neste país afora e eu sei o que é uma professora entrar dentro da sala de aula não apenas preocupada em ensinar, mas preocupada com a comida da criança, preocupada com o piolho da criança, preocupada com tantas outras coisas que a criança tem dentro de casa, e que somente uma professora é capaz de saber conversar com os alunos. Por isso, a remuneração faz parte da qualidade da Educação, não são separadas as duas coisas.

Outra coisa importante que eu queria dizer para vocês: Eu sei que nós temos muito para fazer. Mas muito me orgulha saber que... eu penso que, na história do Brasil, eu e o Zé Alencar somos os único casal de presidente e vice-



presidente que não tem diploma universitário. E, ao deixar o meu mandato, eu serei o presidente que mais fez universidades neste país, que mais fez escolas técnicas neste país e que mais investiu na Educação neste país.

Não falo isso, não falo isso com orgulho de quem fez. Falo isso com tristeza do que aqueles que antes de mim não fizeram, pedindo a Deus que aqueles que vierem “me coloquem no chinelo” e façam dez vezes mais do que eu fiz, para que a gente resolva o problema do atraso educacional do nosso país.

Foi por isso que quando nós descobrimos o pré-sal e mandamos a lei para regulamentar o novo marco do pré-sal, uma das condições básicas – exigência minha – foi criar um fundo. Esse fundo, para o povo brasileiro, terá como premissa básica a gente investir na Educação brasileira, investir em ciência e tecnologia, para que a gente possa, de uma vez por todas, determinar que este país será a quinta economia do mundo daqui a pouco, não apenas exportando minério de ferro e exportando suco de laranja ou exportando soja. Nós queremos exportar tudo isso, mas este país será muito mais rico quando a gente estiver exportando *chips*, exportando *software*, exportando inteligência e criatividade do povo brasileiro, na produção de serviços, eu diria, muito mais qualificados.

E, por último, meus companheiros e companheiras. Eu queria dizer para vocês que, ao terminar o meu mandato, vai quebrar a cara quem pensar que eu vou ser um ex-presidente, porque vocês vão me ver andando por este país, porque a minha luta não era apenas para a gente ganhar a Presidência. A Presidência era um degrau dessa luta. Nós precisamos construir muito mais coisas neste país, mas eu queria pedir um favor para vocês. Quando a gente está nadando... quando a gente entra na água e a gente começa a nadar, quando a gente começa a cansar, a gente, em vez de ir até o final, a gente tenta voltar – apavorado, muitas vezes – sem se dar conta de que a volta é mais difícil do que a ida. Nós estamos no meio do rio, e nós não temos o direito



de morrer afogado. Nós temos que seguir, porque nós chegamos até aqui por conta de vocês. Não pensem, não pensem que a gente chegou até aqui apenas por nossa vontade.

É porque a cobrança de vocês, as conferências de vocês, as greves de vocês, as conversas de vocês é que fizeram a gente entender que o governo bom não é aquele governo que governa dissociado do povo. O governo bom é aquele que tem capacidade de colocar em prática, como políticas públicas, aquilo que ele ouve em cada rua, em cada escola, em cada fábrica, em cada banco.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, eu quero terminar dizendo a todos vocês: Muito obrigado pelo que vocês fizeram comigo nesses anos todos. Muito obrigado! Eu sou agradecido. Eu sou, meus companheiros e companheiras, agradecido. Eu agradeço as críticas que em alguns momentos vocês fizeram ao nosso governo, eu agradeço as críticas naquela fatídica crise de 2005.

Eu sei que, muitas vezes, muitos de vocês quase perderam a esperança: “Será que vai dar certo, será que vai ser um fracasso?” Mas eu tinha, eu tinha clareza, eu tinha clareza de uma coisa e isso eu quero dizer para vocês. Eu tinha clareza, primeiro, de onde eu vim. Eu tinha e tenho muito mais clareza de para onde eu vou. Eu tenho clareza de qual é o meu mundo. Eu tenho clareza de quem são os meus amigos “amigos” e de quem são os amigos eventuais, ou quem são os amigos do poder. Eu tenho clareza de tudo, tenho clareza, ciência e eu tenho clareza... Eu tenho clareza de que ao regressar ao meu mundo normal, eu só vou ficar feliz porque eu tenho certeza de que onde eu encontrar vocês eu posso olhar na cara de vocês e chamar vocês de companheiros e companheiras, e vocês me chamarem de companheiros e companheiras. E reconhecer que nós estamos apenas no começo de uma caminhada, apenas no começo de uma caminhada. Falta muito, já fizemos muito, mas falta muito.



Então, eu quero dizer para vocês: um presidente da República que tem o carinho que vocês me deram nesses oito anos, não tinha o direito de errar. E o que me movia a não errar era a certeza de que Deus não dá duas oportunidades para quem não quer aproveitar as oportunidades. Eu dizia sempre, na minha cabeça: se eu errar, se eu não fizer as coisas certas, nunca mais um trabalhador vai poder chegar à Presidência da República. Eu tinha isso certo, na minha cabeça.

Eu conheço outras experiências. Então, eu trabalhava o seguinte: às vezes tinha companheiro que queria radicalizar, eu falava: Companheiro, não radicalize. Não radicalize, porque a gente tem que construir sempre o caminho do meio. Entre a certeza absoluta que eu tenho e a que o outro tem, nós temos que construir um caminho em que todos se sintam confortáveis.

Eu lembro quando eu fui ao Congresso da GLTB. Eu fui ao Congresso, e naquele Congresso, o pessoal não queria que eu fosse. Era eu que tinha convocado a conferência. “Ah, Lula, você vai naquele congresso? Mas o que os homossexuais vão fazer com você? O que as lésbicas vão fazer com você? O que não sei das quantas?” Eu cheguei lá, cheguei lá para poder provar... só tem um jeito de a gente enfrentar o preconceito e de a gente vencê-lo: é a gente não ter medo do preconceito e a gente enfrentá-lo. Enfrentá-lo com armas que a gente puder enfrentar, porque o preconceito é a maior doença. Ninguém pergunta a um homossexual, a uma lésbica, a qualquer pessoa se ela, ao pagar Imposto de Renda, o que ela é. Ninguém, na hora de votar, pergunta... diz que não quer o voto. Portanto, eles têm que ser tratados como 100% cidadãos e cidadãs, como brasileiros.

Os educadores brasileiros, os educadores brasileiros... Eu sou grato, porque eu sou de escola pública. Eu tenho uma lição de vida, que vocês me deram. É que quando nós criamos a Olimpíada de Matemática... nós não criamos, ela já existia. Eu não sei se a Sueli Druck está por aqui, mas existia a Olimpíada de Matemática, que atendia 274 mil crianças no Brasil. Quando nós



propusemos criar a Olimpíada na escola pública, disseram para mim e para o Fernando Haddad: “Não vai dar certo, não vai dar certo, porque os alunos da escola pública não vão querer participar, não vão ser estimulados.” Pois bem, nós fizemos a Olimpíada. Sabem quantas crianças se inscreveram no ano passado e participaram? Dezenove milhões e trezentas mil crianças e adolescentes. É a maior Olimpíada do mundo. E a gente só tinha 274 mil! E hoje, quem dá aula de Matemática sabe que as crianças estão com uma vontade maluca de participar. E nós vamos na terça-feira para o Rio de Janeiro, ou na segunda-feira, que vai ser a entrega da medalha para os 300 alunos que ganharam medalha de ouro. Essa é uma coisa extraordinária.

E por fim, companheiros e companheiras, por fim, o ProUni. O ProUni é criação deste companheiro, o ProUni é criação deste companheiro. Não sei quem entregou o projeto para ele. A mim, me cheira a coisa de mulher. Mas, de qualquer forma, este companheiro... o ProUni, teve algumas pessoas que tiveram resistência. Mas vocês não sabem a alegria que eu tenho de viajar por este país e encontrar meninas e meninos com um papelzinho escrito: “Lula, graças ao ProUni, eu virei jornalista, eu virei engenheiro, eu virei professor.” Não pode ter orgulho maior, não pode ter orgulho maior!

Então, eu ainda tenho nove meses de trabalho, podem ficar certos de que nós vamos nos encontrar pelo país afora, eu vou trabalhar que nem um desgraçado, porque eu digo sempre o seguinte: quem quiser me vencer vai ter que trabalhar mais do que eu, vai ter que fazer mais do que nós fizemos. E eu tenho certeza de que muita gente não vai conseguir.

Que Deus abençoe vocês nesta Conferência, e que Deus permita que vocês retornem para casa com muita tranquilidade. Nós vamos continuar trabalhando. Um grande beijo, um grande abraço, e boa sorte.

Ô gente, vocês... Não, é que nós vamos parar, nós vamos parar para vocês irem almoçar, porque o projeto, o projeto, o projeto Fome Zero exige que os professores comam.



Mas eu vou contar uma coisa para vocês, contar duas histórias para vocês aqui. Eu não sei, eu não sei, eu não sei como é que vocês estão acompanhando o noticiário da imprensa sobre a Conferência. Eu queria contar duas histórias, Fernando Haddad. Você sabe que o Charles Chaplin... uma vez houve um concurso para saber quem era o melhor imitador do Charles Chaplin, e ele foi... ele se disfarçou e foi ao concurso. Você acredita que ele tirou terceiro lugar? Consideraram ele a terceira pessoa.

Eu estava contando isso porque... ontem eu contei uma história que eu vou contar para vocês. Certamente, certamente se vocês... certamente se vocês tiverem uma briga entre vocês, tiver mesa, cadeirada para tudo quanto é lado, vocês vão ocupar um grande espaço nos meios de comunicação. Se for tudo em ordem, a chance é pequena, porque esta aqui é a maior conferência de Educação já feita neste país.

Então, ontem eu contei uma história que eu não contei para os professores. Uma vez, eu fui a Ibiúna, eu, e cheguei em Ibiúna, entrei na padaria para comprar pão e fui ao caixa pagar a conta. Aí, quando eu estou no caixa pagando a conta, o caixa fala assim: "Você parece o Lula". E eu gostei porque [em] [19]79 você ficar conhecido era chique. Eu falei: eu sou o Lula. Aí um cara atrás de mim falou o seguinte: "Ele não é o Lula, não. Eu conheço o Lula. O Lula é moreno e é mais alto". E o cara, o cara teimando comigo que eu não era o Lula. Aí eu peguei a minha carteira de identidade e mostrei para o cidadão. Mostrei meu dedo: olha aí, ó, o dedinho, e mostrei minha carteira de identidade. Aí ele falou para mim: "É, pois não parece".

Isto aqui, pode ser que alguém venha cobrir com boa vontade e divulgue o que vocês estão decidindo. Pode vir alguém e falar: "Isto aqui é uma belíssima conferência, mas não parece", e escrever coisas que parecem de outra conferência. Agora, é o seguinte: não se preocupem, trabalhem, porque nós temos alguém superior a tudo isso, que é a compreensão do povo brasileiro. O povo está mais esperto, o povo está mais sabido, o povo está



mais... Então, não se preocupem com isso, trabalhem. Trabalhem, aprove o que vocês puderem aprovar de melhor porque alguém vai continuar dando sequência ao que vocês fizeram.

Gente, olha, segundo o Chagas, todo mundo para o almoço agora, todo mundo almoçar.

(\$211A)